

O PODER DOS ATORES NÃO ESTATAIS NO ORIENTE MÉDIO

Anselmo de Oliveira Rodrigues¹

1. Introdução

Historicamente, os atores não estatais, desde milícias a movimentos políticos e religiosos, têm exercido importante papel na agenda de segurança regional e global desde a década de 1970. Contudo, foi somente com o final da Guerra Fria e o conseqüente reordenamento de forças no tabuleiro geopolítico mundial, que determinados atores não estatais passaram a desafiar de forma ostensiva a autoridade e o poder dos Estados.

Afinal, quem não se lembra dos atentados terroristas perpetrados pelo grupo palestino Setembro Negro nas olimpíadas de Munique em 1972? E os cartéis colombianos na década de 1980? O que falar do terrorismo islâmico ocorrido na Argélia e no Egito na década de 1990? Quem não ficou perplexo com os ataques terroristas realizados pela *Al-Qaeda* em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América? O que dizer sobre a ousadia do Estado Islâmico na década de 2010, onde o grupo conquistou territórios, realizou ataques terroristas e se auto proclamou como califado? E mais recentemente, quem não ficou surpreso com os ataques terroristas minuciosamente planejados e executados pelo *Hamas* em 07 de outubro de 2023 contra Israel? Tais exemplos são apenas alguns, dos inúmeros casos em que atores não estatais, pelo fato de possuírem uma parcela considerável de poder em suas mãos, desafiaram a autoridade dos Estados nos últimos anos.

Figura 1 - Atores não estatais que desafiaram o poder dos Estados



Fonte: O AUTOR, 2023.

¹ Coronel do Exército Brasileiro, Coordenador do Observatório Militar da Praia Vermelha e Doutor em Ciências Militares.

Em vista dessa realidade, constata-se que determinados atores não estatais têm impulsionado e moldado as políticas externas e de segurança dos Estados no mundo inteiro. Por exemplo, para combater o narcotráfico na Colômbia, foi necessária uma ajuda norte-americana ao país sul-americano na ordem de US\$ 4 bilhões de dólares, denominada de Plano Colômbia. No tocante à *Al-Qaeda*, os norte-americanos, por meio da doutrina *Bush*, se mobilizaram para capturar e eliminar *Osama Bin Laden*, líder da *Al-Qaeda* na época dos atentados de 11 de setembro de 2001. Com relação ao Estado Islâmico, diversos países se uniram e fizeram uma Força-Tarefa multinacional para combater o grupo extremista, capturar e eliminar *Abu Bakr Al-baghdadi*, líder do Estado Islâmico naquela ocasião. Nos entreveros recorrentes envolvendo Israel e palestinos, percebe-se o grande esforço que Israel tem feito para se especializar no combate aos grupos extremistas palestinos.

No Oriente Médio, nota-se que, mesmo quando os atores não estatais não detinham o protagonismo geopolítico regional, tais grupos continuaram executando importantes movimentos no tabuleiro geopolítico do Oriente Médio. O resultado disso é uma conjuntura no Oriente Médio que tem sido marcada por ter uma parcela grande de poder sob o controle de atores não estatais. E não estamos falando de questões relacionadas à contravenção e crimes de segurança pública. Pelo contrário, o poder que está nas mãos de atores não estatais é capaz de desafiar e contestar a autoridade e, principalmente, a legitimidade dos Estados no Oriente Médio. Mas, quais seriam os motivos para isso?

2. O primeiro motivo - a fragilidade dos Estados no Oriente Médio

O primeiro motivo repousa na fragilidade dos Estados no Oriente Médio. Para que se tenha uma ideia, dos 16 Estados que compõem a região, incluindo a Palestina nesse cômputo, 10 estão tipificados na condição de perigo ou em alerta no *ranking* elaborado em 2023 pelo *Fund for Peace*, denominado de *Fragile States Index* (FUND FOR PEACE, 2023), o que denota que quase 65% dos Estados no Oriente Médio são frágeis ou estão em vias de colapsar.

De uma maneira geral, o que se espera de um Estado é que ele promova seis valores basilares para a sociedade: segurança, liberdade, ordem, justiça, saúde e bem-estar. Diante disso, um Estado pode ser considerado falido quando não consegue garantir esses valores, sendo que o mais importante de todos é a capacidade que o mesmo tem em proteger seus cidadãos e garantir adequada segurança para os indivíduos (MILLIKEN; KRAUSE, 2002).

No Oriente Médio, nota-se que países como o Líbano e Iêmen não são capazes de atuarem como Estado, pois não conseguem prover saúde, bem-estar, educação, moradia e emprego para grande parte de sua população. Não que este cenário esteja presente somente no Oriente Médio. Pelo contrário, em

todos os países do sistema internacional há pessoas que estão alijadas dos serviços básicos que devem ser fornecidos pelos Estados.

O problema é que no Oriente Médio, essa questão se juntou a outras que, somadas, resultaram num cenário singular e extremamente sensível, onde os atores não estatais, de forma hábil e inteligente, rapidamente se moveram e ocuparam o vácuo de poder deixado pelos Estados. Para que se tenha uma ideia, grupos como *Hamas* e *Hezbollah*, fornecem serviços públicos, solidariedade social e inspiração através das suas ambições, muitas vezes apoiadas pelos seus braços armados. Além disso, esses grupos também oferecem salários e apoio assistencial às famílias, o que é atraente para os jovens que estão na idade adequada para atuar em combate em regiões, cujas economias e oportunidades de emprego são escassas (RAINE, 2023).

3. O segundo motivo - a causa palestina

O segundo motivo é a causa palestina que, diga-se de passagem, se há um tema que possui grande apelo entre a maior parte da população do Oriente Médio, esse tema é a causa palestina. Esses grupos, por convicção ideológica, por comodismo ou até por questões estratégicas, incorporaram a causa palestina como ideologia e objetivo a ser alcançado.

Não pelo acaso, nota-se que nos últimos 30 anos, Irã, Iraque e Síria vêm competindo entre si para obter o apoio do povo palestino. Pelo fato de ter se envolvido numa guerra recentemente, o Iraque não consegue exercer o protagonismo e apoiar de forma robusta os grupos extremistas palestinos. Mesmas considerações podem ser realizadas para a Síria, contudo, a única diferença é que atualmente a Síria está envolvida em forte guerra civil interna, tornando-a ainda mais incapaz do que o Iraque para apoiar tais grupos na causa palestina. Diante desse cenário, o protagonismo caiu no colo do Irã que, ao que parece, tem exercido o protagonismo entre os Estados regionais através de uma combinação de poder militar, solidez econômica, experiência e influência política junto aos países da região (RAINE, 2023).

Dessa forma, o Irã consegue apoiar de forma robusta determinados atores não estatais que convergem com os interesses iranianos, como é o caso do apoio público ao *Hezbollah* no Líbano e ao *Hamas* na faixa de Gaza. Assim, não é utopia inferir que o Irã está fazendo mais do que qualquer outro Estado para auxiliar atores não estatais em suas causas política e ideológica, principalmente através da Guarda Revolucionária Islâmica. Os ataques realizados pelo *Hamas* em 07 de outubro de 2023 exemplificam muito bem esse apoio, pois deixaram claro que os militantes do *Hamas* receberam material e treinamento militar qualificado para desencadear tais ataques.

4. O terceiro motivo - a falta de união entre os países da região

O terceiro motivo é a falta de união entre os países do Oriente Médio. Entende-se que o crescimento da importância dos atores não estatais no tabuleiro geopolítico regional está diretamente correlacionado com a ausência de um consenso regional para resolver esse tema no Oriente Médio.

Contudo, é importante frisar que alguns passos foram dados com o intuito de resolver tais questões, mas que não prosseguiram porque não foi possível obter o consenso dos países da região, tornando-se pois, esforços unitários e frágeis. Nesse contexto, é interessante destacar mais uma vez o papel do Irã no tabuleiro geopolítico do Oriente Médio, que contrabalança os interesses ocidentais, na medida em que torna público sua ligação com os atores não estatais, garantindo assim, a sobrevivência e o fortalecimento dos grupos extremistas palestinos.

Ou seja, a falta de consenso entre os Estados no Oriente Médio resulta numa conjuntura marcada por um intrincado jogo de interesses e relações que permitem que a soberania e a legitimidade de alguns Estados, principalmente Israel, sejam questionados e até comprometidos pelo poder que reside nos atores não estatais na região. Como exemplo disso, há os casos do *Hezbollah* no Líbano, dos *Houthis* no Iêmem, das Unidades de Mobilização Popular no Iraque, do *Hamas* na faixa de Gaza, dentre tantos outros.

5. Considerações Finais

Além de chocantes, os ataques perpetrados pelo *Hamas* contra Israel no dia 07 de outubro de 2023 marcaram um reordenamento das peças do tabuleiro geopolítico no Oriente Médio. Até então, parecia que os Estados da região haviam se tornado mais pragmáticos em suas políticas externas e mais conciliadores entre si. O exemplo mais emblemático dessa assertiva repousa na aproximação que estava em curso envolvendo duas potências regionais: Arábia Saudita e Israel. Ou seja, tudo levava a crer que os Estados detinham o controle geopolítico regional.

Contudo, a ousadia do *Hamas* descortinou um cenário em que os atores não estatais, notadamente os grupos extremistas palestinos, conseguem duelar e, sobretudo, desafiar a autoridade e a legitimidade do poder estatal na região. Nesse momento, não restam dúvidas de que boa parte do poder no Oriente Médio reside nos atores não estatais.

Tal fato ainda é agravado pela postura geopolítica cambaleante dos Estados Unidos da América no tabuleiro geopolítico do Oriente Médio. Em que pese as declarações emitidas pelo líder norte-americano *Joe Biden* apoiando Israel no conflito contra *Hamas*, é público e sabido por todos que a prioridade da política externa norte-americana é a contenção da China no âmbito global e, a segunda prioridade, é a contenção da Rússia em seu entorno regional. Ou seja, o Oriente Médio não é prioritário para a geopolítica norte-americana.

Dessa forma, não resta outra opção senão há de inferir que o tabuleiro geopolítico no Oriente Médio é um dos mais complexos e instáveis no mundo, pois uma boa parcela de poder encontra-se sob posse de determinados atores não estatais. Diante dessa realidade, este artigo pontua que o Oriente Médio ainda continuará instável nos próximos anos e que o processo de paz e a estabilidade regional passam, obrigatoriamente, pela redução de poder dos atores não estatais na região.

Referências:

FUND FOR PEACE. **Fragile States Index Annual Report 2023**. FFP, 2023. Disponível em: https://fragilestatesindex.org/wp-content/uploads/2023/06/FSI-2023-Report_final.pdf. Acesso em: 01 de dezembro de 2023.

MILLIKEN, Jennifer; KRAUSE, Keith. *State Failure, State Collapse, and State Reconstruction: Concepts, Lessons and Strategies*. Development and Change, Vol. 33, nº 5, p. 753-774. United Kingdom: Oxford, 2002.

RAINE, Jhon. **The battle for the Middle East's geopolitics**. International Institute for Strategic Studies, 2023. Disponível em: <https://www.iiss.org/online-analysis/online-analysis/2023/11/the-battle-for-the-middle-east-geopolitics/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2023.